

Genealogia da ética: o sujeito em questão

Mariguela, Márcio Aparecido

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Mariguela, M. A. (2007). Genealogia da ética: o sujeito em questão. *ETD - Educação Temática Digital*, 8(esp.), 204-226. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-73859>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

GENEALOGIA DA ÉTICA: O SUJEITO EM QUESTÃO**Márcio Mariguela****RESUMO**

Freud ocupou uma função dobradiça nas pesquisas que Michel Foucault realizou em torno da arqueologia do saber, da genealogia do poder e na genealogia da ética. As diferentes posições do filósofo francês sobre Freud e a psicanálise permitem articular o projeto de escrita de uma genealogia da ética com o movimento de retorno a Freud empreendido pelo psicanalista Jacques Lacan. Pretendo sustentar que a visada de Foucault sobre Freud é recorrente pela função autor que reconheceu atuar na tática genealógica. A obra de Freud, interpretada por Lacan, foi decisiva para Foucault investigar os modos de sujeição e assim estabelecer a distinção entre o que pertence ao campo da moral e aquilo que é próprio ao campo da ética. A problematização do sujeito do desejo permitiu um deslocamento da analítica do poder para a constituição do cuidado de si como um princípio ético para instaurar uma estética de si.

PALAVRAS-CHAVES

Genealogia da ética; Função autor; Problematização do sujeito; Cuidado de si

GENEALOGY OF ETHICS: THE SUBJECT IN QUESTION**ABSTRACT**

Freud played a hinge-like function in the research conducted by Michel Foucault on the archaeology of knowledge, the genealogy of power and the genealogy of ethics. The different positions of the French philosopher on Freud and psychoanalysis allow one to articulate a project of writing of a genealogy of ethics with the movement of return to Freud carried out by the psychoanalyst Jacques Lacan. I intend to maintain that the view of Foucault on Freud is recurrent by the author function that acknowledged acting in a genealogical tactic. The work of Freud, interpreted by Lacan, was decisive for Foucault to investigate the ways of subjection and thus establish the distinction between what belongs to the moral domain and that which is proper for the ethics domain. The problematization of the subject of desire allowed a shift of the analytics of power for the constitution of the care of the self as an ethical principle to establish an aesthetic of the self.

KEYWORDS

Genealogy of ethics; Author function; Problematization of the subject; Care of the self

Eu estou escrevendo uma genealogia da ética. A genealogia do sujeito como um sujeito de ações éticas, ou a genealogia do desejo como um problema ético. (FOUCAULT, 1995b, p.265).

FOUCAULT E O RETORNO A FREUD DE LACAN

Em maio de 1964, Michel Foucault publicou o artigo “A Loucura, a Ausência da Obra” no periódico *La table ronde* que tinha como temática fazer uma cartografia da situação da psiquiatria, iniciando seu artigo com uma previsão:

talvez, um dia, não saibamos mais muito bem o que pode ter sido a loucura. Sua figura terá se fechado sobre ela própria, não permitindo mais decifrar os rastros que ela terá deixado. Esses rastros mesmos seriam eles outra coisa, para um olhar ignorante, além de simples marcas negras? Quando muito, farão parte de configurações que nós outros, agora, não saberíamos desenhar, mas que serão, no futuro, os quadriculos indispensáveis através dos quais nos tornaremos legíveis, nós e nossa cultura [...] Tudo o que experimentamos, hoje, sob o modo limite, de estranheza ou de insuportável terá alcançado a serenidade do positivo (FOUCAULT, 1999a, p.190).

Adiante, após identificar um ponto de mutação que marcou uma descontinuidade na concepção clássica da loucura, Foucault apresentou algumas questões decisivas para traçar a genealogia do discurso psiquiátrico:

o suporte técnico dessa mutação, qual será? A possibilidade para a medicina de dominar a doença mental como uma outra afecção orgânica? O controle farmacológico preciso de todos os sintomas psíquicos? Ou uma definição bastante rigorosa dos desvios de comportamento, para que a sociedade tenha tempo disponível de prever, para cada um deles, o modo de neutralização que lhe convém? Ou ainda outras modificações das quais nenhuma, talvez, suprimirá realmente a doença mental, mas que terão, como sentido, apagar de nossa cultura a face da loucura? (FOUCAULT, 1999a, p.191).

Tal apagamento implicou na concepção da loucura como linguagem excluída: “aquela que, contra o código da língua, pronuncia palavras sem significação (os insensatos, os imbecis, os dementes), ou a linguagem que pronuncia palavras sacralizadas (os violentos, os furiosos), ou ainda a que faz passar significações interditas (os libertinos, os obstinados)” (FOUCAULT, 1999a, p.195). Foucault reconheceu Freud como o autor que realmente rompeu com os modos de apagamento impostos à loucura pelo discurso psiquiátrico. Com Freud, a loucura deixou de ser falta de linguagem, blasfêmia proferida ou significação intolerável e por

isso, a psicanálise é o grande levantamento dos interditos: “Freud não descobriu a identidade perdida de um sentido: ele cingiu a figura irruptiva de um significante que não é *absolutamente* como os outros” (FOUCAULT, 1999a, p.195 – itálico do autor)¹.

As diferentes posições de Foucault sobre a psicanálise em geral e sobre Freud em particular é tema recorrente nos trabalhos dos autores que investigam a obra do filósofo francês². Jacques Derrida, por exemplo, analisou o lugar de Freud na obra *A História da Loucura*, designando a função dobradiça que Freud ocupou na escrita de Foucault, duplo movimento de articulação, alternância de abertura e fechamento: “movimento alternativo que sucessivamente abre e fecha, aproxima e afasta, repudia ou aceita, exclui ou inclui, desqualifica ou legitima, domina ou liberta” (DERRIDA, 1994, p.62).

Essa designação de Derrida pode ser aplicada ao conjunto da obra de Foucault. Freud ocupou uma função dobradiça nas pesquisas realizadas em torno da arqueologia do saber, da genealogia do poder e na genealogia da ética. É como função dobradiça que podemos acompanhar a presença de Freud na escrita de Foucault: uma alternância que abre para uma interlocução profícua ao considerá-lo como instaurador de discursividade, inaugurando uma nova hermenêutica na cultura ocidental contemporânea; e ao mesmo tempo, fecha no que diz respeito àquilo que os pós-freudianos da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) fizeram de Freud, sobretudo, transformando a psicanálise numa prática clínica adaptativa.

Pretendo sustentar que a visada de Foucault sobre Freud é recorrente pela função autor que reconhece atuar na tática genealógica. A obra de Freud foi interpretada por Foucault como tendo inaugurado uma nova hermenêutica que interroga sem cessar a constituição da psiquiatria e demais ciências humanas no conjunto das ciências positivas.

¹ Na lição de 26/02/69 do Seminário *De um Outro ao outro*, Lacan definiu a função do significante como diferença absoluta: “Essa estrutura lógica mínima, tal como é definida pelos mecanismos do inconsciente, a resumi há muito tempo, sob os termos de diferença e repetição; não há nada que funde a função significante além do fato dele ser diferença absoluta” (LACAN, 2004, p. 185).

² Mauro Vallejo (2006) em seu livro *Incidencias em el psicaanálisis de la obra de Michel Foucault*, construiu uma trajetória singular assumindo a posição de que os textos de Foucault incidem sobre a psicanálise em sua história, em seu discurso elucidando suas regularidades entre objetivos, métodos e técnicas. Ernani Chaves (1988), por sua vez, afirmou que o texto freudiano é uma sombra permanente que atravessa em vários níveis a escrita de Foucault. Renato Mezan (1985), considerou que a sombra da psicanálise acompanhou Foucault durante os trinta anos de sua produção filosófica: lugar múltiplo, “a cada meandro do percurso de Foucault, ela se aloja em outro espaço, configura-se em outras redes de relações, desenha outros perfis de significação (MEZAN, 1985, p.95).

Ao entrar no jogo da relação de Foucault com a psicanálise sempre estamos em risco, pois, no mínimo, pode-se argumentar que tal diálogo é multifacetado e marcado, fundamentalmente, por uma ambivalência: há um Foucault em permanente diálogo com Freud, considerando-o instaurador de discursividade; e há um Foucault nitidamente crítico em relação à prática psicanalítica de tratamento das neuroses e psicoses. Também se pode reconhecer Foucault como um genealogista da implantação da psicanálise na França e os avatares de tal recepção da obra freudiana. É nessa perspectiva, pretendo analisar a relação de Foucault com o movimento de retorno a Freud, empreendido por Jacques Lacan no início da década de 1950.

É certo que Foucault leu o único livro publicado por Lacan: *Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade*, sua tese de doutorado em psiquiatria em 1932. O título escolhido por Foucault para seu primeiro livro, publicado em 1954, bem o demonstra: *Maladie mentale et personnalité*. Traçar a gênese do interesse de Foucault por Lacan a partir desse livro, encomendado por Louis Althusser para uma coleção destinada aos estudantes, é um marco interessante para acompanhar suas posições sobre Freud e a psicanálise. O pequeno livro foi reeditado em 1962, e não só mudou de título, *Maladie mentale et psychologie*, como também passou por uma revisão completa de seu conteúdo³, demonstrando assim a alternância apontada por Derrida no conjunto da obra de Foucault.

Outro aspecto singular que permite analisar o interesse de Foucault por Lacan diz respeito ao tema do *retorno a...* Na conferência “O que é um autor?”, pronunciada por Foucault em 1969 na Sociedade Francesa de Filosofia, encontra-se os argumentos que atestam a relevância desse tema que percorria transversalmente os debates na cena filosófica parisiense⁴. Lacan estava presente na conferência de Foucault e, como veremos, disse que se

³ Pierre Marcherey (1985) comparou passo a passo as duas versões para traçar a arqueologia do pensamento de Foucault sobre a doença mental e a loucura apontando os deslocamentos realizados entre a edição de 1954 e a de 1962.

⁴ Em 1964, Louis Althusser publicou na revista *La Nouvelle Critique* um artigo intitulado “Freud e Lacan” apontando pela primeira vez na cena filosófica, o trabalho empreendido por Lacan. Denunciando o revisionismo da escola americana que reduzia a descoberta de Freud a um biologismo reacionário, anunciou o trabalho urgente de um retorno a Freud a partir de três critérios fundamentais: “recusar, como grosseira mistificação, a camada ideológica de sua exploração reacionária; evitar cair nos equívocos, mais sutis, e sustentados pelos prestígios de algumas disciplinas mais ou menos científicas, do revisionismo psicanalítico; e, finalmente, consagrar-se a um trabalho sério de crítica histórico-teórica, para identificar e definir, nos conceitos que Freud tende empregar, a verdadeira relação epistemológica existente entre esses conceitos e o conteúdo que eles pensavam”

sentiu convocado ao receber o convite enviado pela Sociedade, pois nele estava escrito que o tema seria o *retorno a...* A reticência, como sabemos, é um sinal de pontuação indicativa, num texto, da interrupção do pensamento (por ficar, em regra, facilmente subentendido o que não foi dito), ou omissão intencional de coisa que se devia ou podia dizer, mas apenas se sugere, ou que, em certos casos, indica insinuação, segunda intenção, emoção. Lacan considerou-se incluído na reticência e foi ouvir o que Foucault tinha a dizer sobre a função autor e o *retorno a...*⁵

Foucault considerou o tema escolhido para sua conferência um bom motivo para retomar um certo aspecto de seu livro *As Palavras e as Coisas*, publicado em 1966⁶. Nesse livro, não se tratava de fazer referências às idéias, ao pensamento de um determinado autor, mas sim de fazer operar um nível de discursividade que a noção do autor garante. Foucault afirmou que em seu livro há uma tentativa de analisar as massas verbais, espécies de planos discursivos, que não estavam acentuados pelas unidades habituais do livro, da obra e do autor (FOUCAULT, 2001, p. 266). É assim que nomes de autores como Buffon, Cuvier, Ricardo, Marx são apresentados como unidades discursivas. Não se tratava de fazer referências às idéias, ao pensamento de um determinado autor, mas sim de fazer operar um nível de discursividade que a noção do autor garante. Nessa perspectiva, a questão da função autor se impõe como decisiva para demarcar o campo de trabalho de Foucault e, desse modo, destacar o procedimento genealógico que vigorou em suas obras a partir da década de 1970⁷.

Com essa advertência preliminar, Foucault procurou acertar as contas com as críticas recebidas após a publicação de seu livro, anunciando para breve um estudo sobre o tema. De

(ALTHUSSER, 1985, p. 48). Assim, Althusser concluiu sua nota preliminar afirmando que esse tríplice trabalho de crítica ideológica e de elucidação epistemológica foi inaugurado na França por Jacques Lacan.

⁵ Para uma análise mais detalhada da função autor na instauração da discursividade ver o primeiro capítulo do meu livro *Psicanálise e Surrealismo: Lacan, o passador de Politzer* (MARIGUELA, 2007).

⁶ O livro *As Palavras e as Coisas* causou grande alvoroço no cenário filosófico parisiense. ERIBON (1996, p. 101) destacou as críticas de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e dos militantes da esquerda: “As revistas comunistas – com notável exceção de *Lettres Françaises*, dirigida por Pierre Daix, que publica duas longas entrevistas realizadas por Raymond Bellour – denunciam o livro como um manifesto reacionário que, negando a história e a historicidade, serve aos ‘interesses da burguesia’”.

⁷ Ver o artigo “Nietzsche, a genealogia e a história” (FOUCAULT, 2000b), apresentado no Colóquio em Homenagem a Jean Hyppolite, na Escola Normal Superior, em janeiro de 1969, do qual participaram Louis Althusser, Suzanne Bachelard, Michel Henri, Jean Laplanche, Jean-Claude Pariente e Michel Serres. Foucault assinou o prefácio da edição dessa homenagem, publicada pela PUF em janeiro de 1971.

fato, no mês seguinte, publicou *A Arqueologia do saber*, no qual expressou o alcance de sua arqueologia das unidades discursivas:

não é mais saber por que caminhos as continuidades se puderam estabelecer; de que maneira um único e mesmo projeto pôde-se manter e constituir, para tantos espíritos diferentes e sucessivos, um horizonte das transmissões, das retomadas, dos esquecimentos e das repetições; como a origem pode estender seu reinado bem além de si própria e atingir aquele desfecho que jamais se deu – o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos (FOUCAULT, 1987, p. 7).

Na última parte de sua conferência, Foucault aplicou seus enunciados sobre a função autor a um determinado campo (ou unidade) discursivo. Para tanto, interrogou a legitimidade do autor na fundação de uma disciplina, o significado do movimento de *retorno a...* e as transformações que tal retorno opera no campo discursivo em questão. Freud e Marx foram eleitos como exemplares para investigar a função autor: os considerou fundadores de discursividade e, desse modo, considerou que esses autores ocuparam uma posição transdiscursiva na história efetiva dos saberes contemporâneos.

Desse modo, Freud não é simplesmente o autor da *Traumdeutung* ou do *Mot d'Esprit*, mas sim aquele que estabeleceu uma possibilidade indefinida de discursos: tornou possível um certo número de analogias e diferenças; abriu o espaço para outra coisa diferente dele e que, no entanto, pertence ao que ele fundou. Dizer que Freud fundou a psicanálise significa afirmar que ele tornou possível um certo número de diferenças em relação aos seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses, que dizem respeito ao próprio discurso psicanalítico. Há equívocos em admitir que a psicanálise é o que está contido nas obras completas de Freud: isso porque, "desenvolver um tipo de discursividade como a psicanálise, tal como ela foi instaurada por Freud, não é conferir-lhe uma generalidade formal que ela não teria admitido no ponto de partida, é simplesmente abrir-lhe um certo número de possibilidades de aplicações" (FOUCAULT, 2001, p. 283). O nome do autor cria um campo de operacionalidade dando o estatuto a um discurso: o autor é uma função **no** discurso e não **do** discurso.

A temática do *retorno a...* se impõe como um movimento com sua própria especificidade, caracterizando, justamente, as instaurações de discursividade. Esse ato

instaurador é re-visitado, não para depreender uma origem primeira e esquecida do sentido do texto, pois não há sentido originário a ser descoberto, trazido à luz, através de sucessivas interpretações. Logo, o *retorno a...* não equivale a uma exegese bíblica: o retorno é marcado por um vazio, uma lacuna.

Retorna-se a um certo vazio que o esquecimento evitou ou mascarou, que recobriu com uma falsa ou má plenitude, e o retorno deve redescobrir essa lacuna e essa falta; daí o perpétuo jogo que caracteriza esses retornos à instauração discursiva". Nessa perspectiva, o "reexame dos textos de Freud modifica a própria psicanálise (FOUCAULT, 2001, p. 284-285).

Admitindo que Freud instaurou uma discursividade, a psicanálise, toda uma rede de proliferação de sentido pode ser deduzida. Freud produziu, como autor, a possibilidade e a regra de formação de outros discursos que ao se remeterem à psicanálise não poderão mais sustentar sua validade por um recuo ao sentido originário. Por isso, Foucault disse que Freud não tornou apenas possível certo número de analogias, ele tornou possível, certo número de diferenças ao abrir o espaço para outra coisa diferente dele e que, no entanto, pertence ao que ele fundou.

Assim, o retorno a Freud implicou a re-inscrição de um discurso num domínio novo, pois "retorna-se ao que está marcado pelo vazio, pela ausência, pela lacuna no texto. Retorna-se a um certo vazio que o esquecimento evitou ou mascarou, que recobriu com uma falsa ou má plenitude e o retorno deve redescobrir essa lacuna e essa falta" (FOUCAULT, 2001, p. 285). Daí esse perpétuo jogo que caracteriza esses retornos à instauração discursiva, como afirmou Foucault, "jogo que consiste em dizer por um lado: isso aí estava, bastaria ler, tudo se encontra aí; e, inversamente: não, não esta nesta palavra aqui, nem naquela ali, nenhuma das palavras visíveis e legíveis diz do que se trata agora" (Idem, p. 285). Segue-se que a releitura dos textos de Freud modifica a própria psicanálise.

No espaço do debate, após a conferência, Lacan tomou a palavra para dizer que se sentiu convocado para estar presente porque lera os enunciados do convite e notara que Foucault trataria do *retorno a...* Considerou que por retorno é possível entender muitas coisas, mas o retorno a Freud foi uma espécie de bandeira que levou em punho na conquista do campo freudiano: "nesse aspecto, só posso agradecer-lhe: você correspondeu inteiramente à minha expectativa. A propósito de Freud, evocando especialmente o que significa o retorno a,

tudo o que você disse me parece, pelo menos do ponto de vista em que eu pude nele contribuir, perfeitamente pertinente"⁸ (FOUCAULT, 2001, p. 297).

Na Lição XII (26/02/1969) do seminário *De um Outro ao outro*, Lacan iniciou seu discurso com uma constatação e advertência:

é bem possível que vocês não saiam muito bem aonde estamos. Eis porque o tempo me pareceu oportuno, e não de uma maneira contingente, para colocar a questão do meu título, por exemplo, *de um Outro ao outro*, sob o qual figura meu discurso deste ano (...) É preciso, ao menos, ter percorrido um pedaço do caminho para que, por retroação, a partida se esclareça, isso não somente para vocês mas, afinal de contas, para mim mesmo (LACAN, 2004, p.175).

Para retrair, por retroação, o caminho percorrido de seu ensino, Lacan definiu seu seminário de 1959-1960 sobre *A Ética da Psicanálise*. Ao definir esse seminário como ponto de partida para anunciar *o acontecimento Freud*, Lacan narrou o que ouviu de Michel Foucault na sessão de 22 de fevereiro da Sociedade Francesa de Filosofia: “tenho, agora, na data em que estamos, a satisfação de ver, por exemplo, naquilo que diz respeito à função de um autor como Freud, eu diria que uma sociedade de espírito bastante aberto encontra-se em condições de medir sua originalidade” (LACAN, 2004, p.176). Destacando a relevância da questão título da conferência, afirmou que Foucault colocou na vanguarda de toda sua articulação, a função do *retorno a...*

Ele colocou três pontinhos depois, no pequeno anúncio que fez do seu projeto de interrogação *O que é um autor?* O retorno a... encontrava-se no final, e, devo dizer que, por esse único fato, considere-me como sendo convocado, não existe ninguém, afinal de contas, em nossos dias que, mais do que eu, tenha dado peso ao retorno a..., a propósito do retorno a Freud. Ele o valorizou, de resto, muito bem e mostrou sua perfeita informação do sentido muito especial, do ponto chave que constitui esse retorno a Freud (LACAN, 2004, p.176-177).

⁸ Mayette Viltard, no artigo “Foucault-Lacan: la lección de las Meninas”, destacou a influência discreta e importante que o trabalho de ambos exerceram mutuamente no percurso de elaboração de suas pesquisas: “No se podría hablar de dialogo, cada uno prosigue su propia aventura. Sus respectivas obras, contemporaneas, tienen evidentemente más de um ponto de concordancia. Sin embargo, se puede ir más lejos y adelantar que en ciertos momentos las afirmaciones de cada uno de ellos sobre una dificultad que les era común tuvieron un efecto de encuentro con las de otro” (VILTARD, 1999, p.116). Após destacar a importância da conferência “O que é um autor?” sobre Lacan, a autora elegeu outros três momentos [a presença de Foucault na sessão de 18/05/1966 do seminário de Lacan *O Objeto da Psicanálise*; uma carta de Lacan a Foucault, datada de 08/03/1968; e finalmente, as palavras de Foucault diante do grupo da revista *Ornicar?* no começo de 1976] de um encontro em que eles se falaram, destacando uma dificuldade comum entre eles no final da década de 1969: como analizar, cada uno em su terreno, el hecho que los estructuralistas, quienes deberían haber sido los más aptos para tomar em cuenta la materialidad del signo, se convirtieran paradójicamente en su tumba? (VILTARD, 1999, p.117).

Qual o ponto chave destacado por Foucault em seus comentários sobre o retorno a Freud? Como demonstrei, ao designar a função autor que Freud ocupa na psicanálise, Foucault concluiu que Freud não apenas tornou apenas possível certo número de analogias, ele tornou possível, certo número de diferenças, ao abrir o espaço para que outra coisa diferente dele pudesse existir e que, no entanto, pertence ao que ele fundou. O retorno a Freud de Lacan é a inscrição de uma diferença no campo instaurado por Freud: a psicanálise. Por isso Lacan demarcou o ponto de partida de seu empreendimento, o seminário *A ética da psicanálise*.

Foucault assistiu a algumas aulas do seminário *A ética da psicanálise* e demonstrou em 1969, o lugar ocupado por Lacan na história da implantação da psicanálise em solo francês. Em entrevista concedida a Ducio Trombadori em 1978, Foucault afirmou:

o que pude apreender de sua obra certamente atuou em mim. Nunca o segui de perto, para poder ficar realmente impregnado pelo que ele dizia, ainda mais que o essencial do seu ensino ele o fez a partir de 1955 na França. Ora, eu deixei a França em 1955. Só voltei mais tarde. Li alguns de seus livros, mas todo mundo sabe que para apreender Lacan é preciso, simultaneamente, ler seus livros, acompanhar seu ensino público, possivelmente fazer seus seminários, e eventualmente até fazer um tratamento psicanalítico (Apud ERIBON, 1996, p.140).

Ao analisar as relações de Foucault com seus contemporâneos, Didier Eribon destacou o tema da dependência do sujeito como aspecto central da interlocução com Lacan. A primeira menção ao nome do Dr. Lacan apareceu na “Introdução” escrita por Foucault para a tradução do livro *Le rêve et l’existence* de Ludwig Binswanger, em 1954. Em entrevista publicada no *Le Monde* de 22/07/1961, por ocasião do lançamento do livro *História da Loucura*, Foucault ao ser interrogado sobre suas influências, respondeu destacando as obras literárias de Blanchot e Roussel e a psicanálise de Lacan, nomeado por ele como a “segunda e prestigiosa existência da psicanálise na França” (FOUCAULT, 1999, p.149). Noutra entrevista, intitulada “Lacan, o ‘libertador’ da psicanálise”, publicada no *Corriere della sera* de 11/09/1981, Foucault afirmou que Lacan “queria subtrair a psicanálise da proximidade da medicina e das instituições médicas, que considerava perigosa. Ele buscava na psicanálise não um processo de normalização dos comportamentos, mas uma teoria do sujeito” (FOUCAULT, 1999b, p.298)⁹.

⁹ Nessa mesma entrevista, Foucault afirmou ser o suposto hermetismo de Lacan, uma estratégia central da função autor que ele queria, deliberadamente, exercer em sua escrita: “Ele queria que o leitor se descobrisse, ele próprio, como sujeito de

Como se pode observar, quando interrogado sobre a importância de Lacan em suas pesquisas, Foucault destacou o tema central em torno do qual o retorno a Freud de Lacan girava: a questão do sujeito. Outro indicativo disso pode ser encontrado na entrevista concedida a Moriaki Watanabe, publicada no Japão em 1978. Tal como na entrevista de 1961, o nome de Lacan foi alinhado ao de Bataille, Blanchot e Klossowski e Foucault afirmou eles foram os primeiros a colocar o tema do sujeito como problema fundamental da filosofia, permitindo assim, ao pensamento francês, escapar à tirania do sujeito cartesiano e da dialética hegeliana:

eles foram os primeiros a mostrar o problema do sujeito como problema fundamental para a filosofia e para o pensamento moderno. Lacan observou que Sartre nunca admitiu o inconsciente no sentido freudiano. A idéia de que o sujeito não é a forma fundamental e originária, mas forma-se a partir de um certo número de processos, que, estes, não são da ordem da subjetividade, mas de uma ordem evidentemente muito difícil de nomear e mostrar, porém mais fundamental e mais originária do que o próprio sujeito, não emerge. O sujeito tem uma gênese, o sujeito não é originário. Ora, quem disse isso? Freud, certamente, mais foi preciso que Lacan o mostrasse claramente. Daí a importância de Lacan (ERIBON, 1996, p.147)¹⁰.

O que significa afirmar que o sujeito tem uma gênese? A palavra gênese precisa ser compreendida no empreendimento realizado por Foucault na década de 1970: delinear um conjunto de problemas que permitissem traçar os contornos de uma genealogia do poder. Posteriormente essa analítica do poder foi desdobrada numa genealogia da ética: projeto de pesquisa que pode ser acompanhado através de um conjunto de entrevistas, conferências, cursos e seminários no período de 1978 a 1984. É nesse desdobramento do trabalho genealógico sobre o poder que se inscreve a distinção entre o campo da moral e da ética: diferença fundamental para acompanhar os dois volumes publicados por Foucault em 1984 com o título *História da Sexualidade*.

desejo, através dessa leitura. Lacan queria que a obscuridade de seus *Escritos* fosse a própria complexidade do sujeito, e que o trabalho necessário para compreendê-lo fosse um trabalho a ser realizado sobre si mesmo” (FOUCAULT, 1999, p.299).

¹⁰ Na nota introdutória que abre a publicação da conferência “Intervenção sobre a transferência”, proferida no Congresso dos Psicanalistas de língua Românica em 1951, Jacques Lacan afirmou: “Estamos aqui ainda a amestrar os ouvidos ao termo sujeito” (LACAN, 1998, p.214).

O PROCEDIMENTO GENEALÓGICO

Foucault também realizou um *retorno a...* O retorno a Nietzsche foi necessário para delinear o procedimento genealógico e assim capturar a emergência de um conceito ou de uma teoria, de uma prática institucional e, desse modo, analisar sua proveniência (de onde provêm, com que forças estabeleceram relações) para reconhecê-la como prática inventiva. Na conferência “Nietzsche, a genealogia e a história”, proferida em 1969 no Colóquio em homenagem a Jean Hyppolite, Foucault construiu uma cartografia dos conceitos de proveniência (*Herkunft*), emergência (*Entstehung*) e invenção (*Erfindung*) na obra de Nietzsche para estabelecer uma oposição entre o trabalho de pesquisa genealógica e a pesquisa historiográfica que pretende um retorno às origens (*Ursprung*). Os historiadores crêm na origem como mito fundador: “como se as palavras tivessem guardado seu sentido; os desejos, sua direção; as idéias, sua lógica; como se esse mundo das coisas ditas e desejadas não tivesse conhecido invasões, lutas, rapinas, disfarces, artimanhas” (FOUCAULT, 2000b, p. 260)¹¹. O genealogista renuncia a crença na origem para

assinalar a singularidade dos acontecimentos, fora de qualquer finalidade monótona, espreitá-los onde menos se espera e no que passa por não ter história alguma – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno, não absolutamente para traçar a lenta curva de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas em que eles desempenham distintos papéis; definir até o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não ocorreram (FOUCAULT, 2000b, p. 260).

O objeto próprio da genealogia é a singularidade dos acontecimentos e para analisá-los em sua proveniência é necessário demarcar o jogo de forças que definem a cena na qual os acontecimentos se inscrevem. A emergência, como advertiu Foucault, sempre se produz em um determinado estado de forças:

¹¹ Para Foucault, a história efetiva um trabalho genealógico: saber histórico das lutas; memória dos combates. Ver também as entrevistas: “Sobre as Maneiras de Escrever a História” (FOUCAULT, 2000a); e “Retornar à história” (FOUCAULT, 2000c).

a análise da emergência deve mostrar seu jogo, o modo pelo qual elas lutam umas contra as outras, ou o combate que travam diante de circunstâncias adversas (...) A emergência é, portanto, a entrada em cena das forças; é a sua irrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores ao palco, cada uma com o vigor e a jovialidade que lhe é própria (FOUCAULT, 2000b, p.268).

Essa cartografia conceitual, realizada a partir de uma leitura inédita de alguns livros de Nietzsche, pode ser considerada como um marco referencial para as pesquisas realizadas por Foucault na década de 1970. O seminário proferido por Foucault na PUC-RJ entre os dias 21 e 25 de maio de 1973, atendendo ao convite feito por Roberto Machado, demonstra com bastante precisão o caráter desta leitura inédita de Nietzsche. Na primeira conferência se encontram os marcos referenciais para constituição da série de pesquisas que começavam a delinear em três eixos principais: traçar “a história dos domínios do saber em relação com as práticas sociais, excluída a preeminência de um sujeito de conhecimento dado definitivamente”; considerar a análise do discurso como “jogos estratégicos, de ação e de reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquiva, como também de luta”; construir uma “reelaboração da teoria do sujeito” (FOUCAULT, 2005, p.8-9).

Referente a esse terceiro eixo, da reelaboração da teoria do sujeito, Foucault constatou a profunda modificação e renovação dessa teoria ao longo dos últimos anos, por um certo número de práticas, entre as quais, situou a psicanálise em primeiro plano: “a psicanálise foi certamente a prática e a teoria que reavaliou da maneira mais fundamental a prioridade um tanto sagrada conferida ao sujeito, que se estabeleceu no pensamento ocidental desde Descartes” (FOUCAULT, 2005, p.9). Indicou ainda que

seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constituiu no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história (FOUCAULT, 2005, p.10).

É interessante notar aqui que a problematização do sujeito já estava presente no projeto de uma genealogia do poder, desdobrada posteriormente numa genealogia da ética. Suponho mesmo que no início dos anos de 1980, em especial no curso (FOUCAULT, 2004a) ministrado no *Collège de France* intitulado “A Hermenêutica do Sujeito”, Foucault resgatou esse terceiro eixo para deslocar a temática do poder para o domínio da ética. O destaque dado

à importância de Lacan no cenário da filosofia francesa, tal como indicado na entrevista de 1978, revela no mínimo dois fatores: a psicanálise compreendida como uma prática; e, por conseguinte, que tal prática implicou numa reelaboração da teoria do sujeito.

Outro aspecto a ser destacado nessa primeira conferência proferida no Brasil, diz respeito à cartografia conceitual realizada por Foucault em seu retorno a Nietzsche: “Em Nietzsche, parece-me, encontramos efetivamente um tipo de discurso em que se faz a análise histórica da própria formação do sujeito, a análise histórica do nascimento de um certo tipo de saber, sem nunca admitir a preexistência de um sujeito de conhecimento” (FOUCAULT, 2005, p.13). Essa análise histórica da formação do sujeito foi reconhecida por Foucault no uso que Nietzsche fez do termo invenção (*Erfindung*): “Quando fala de invenção, Nietzsche tem sempre em mente uma palavra que opõe a invenção, a palavra origem. Quando diz invenção é para não dizer origem; quando diz *Erfindung* é para não dizer *Ursprung*” (FOUCAULT, 2005, p.14). Como se pode ver, essa cartografia empreendida na obra de Nietzsche retomou os termos da conferência de 1969, “Nietzsche, a genealogia e a história” e ao mesmo tempo, definiu a referência fundamental da pesquisa genealógica, pois como afirmou Foucault, tudo o que tinha a dizer só fazia sentido se relacionado à obra de Nietzsche: “que me parece ser, entre os modelos de que podemos lançar mão para as pesquisas que proponho, o melhor, o mais eficaz e o mais atual” (FOUCAULT, 2005, p.13).

Um resumo da aplicação desse procedimento genealógico na década de 1970 pode ser encontrado na primeira aula do curso proferido no *Collège de France* em 1976, intitulado *Em defesa da Sociedade*. Foucault iniciou declarando o ponto que estava seu projeto de delinear a genealogia do poder [cujos resultados podem ser lidos em *Vigiar e Punir* e no volume I da *História da Sexualidade*] e definiu seu trabalho como pistas de pesquisa, idéias, esquemas, pontilhados, instrumentos; declarando: “façam com isso o que quiserem” (FOUCAULT, 2002, p.4). Afirmou ainda que a série de pesquisas, fragmentárias e muito próximas umas das outras, realizadas nos últimos cinco anos,

eram pequenas conversas sobre a história do procedimento penal; alguns capítulos referentes à evolução, à institucionalização da psiquiatria no século XIX; considerações sobre a sofística ou sobre a moeda grega, ou sobre a Inquisição na Idade Média; o esboço de uma história da sexualidade através das práticas de confissão no século XVII ou dos controles da sexualidade infantil nos séculos XVIII e XIX; a localização da gênese de uma teoria e de um saber da anomalia, com todas as técnicas que lhe são vinculadas (...) Eu poderia lhes dizer: afinal de contas, eram pistas para seguir, pouco importa para onde iam; importava mesmo que não levassem a parte alguma, em todo caso não numa direção de terminada de antemão; eram como que pontilhados (FOUCAULT, 2002, p.6).

Esses pontilhados respondiam, segundo Foucault (2002) a um cenário histórico bem demarcado. Destacou dois fenômenos que são centrais nesse cenário: a eficácia das ofensivas dispersa e descontínuas; e as reviravoltas de saberes, uma certa insurreição dos saberes sujeitados, um saber histórico das lutas, uma memória dos combates. O trabalho genealógico se inscreve nesse último fenômeno.

Foucault justificou a situação em que se encontrava seu trabalho diagnosticando em si mesmo uma espécie de “preguiça febril”: sintoma que “afeta o caráter dos que adoram bibliotecas, os documentos, as referências, as escrituras empoeiradas, os textos que jamais são lidos, os livros que, mal são impressos, são fechados de novo e dormem depois em prateleiras das quais só são tirados alguns séculos mais tarde” (FOUCAULT, 2002, p.7). Ironizou dizendo que esses sintomas atingem a “terna e calorosa franco-maçonaria da erudição inútil” (FOUCAULT, 2002, p.7). No entanto, destacou que esse trabalho fragmentário talvez fosse necessário no tempo de sua realização, ou seja, ele se alinhava bem na série dos dois fenômenos apontados.

Na primeira aula de 07 de janeiro de 1976 também se encontra uma definição bem apropriada para distinguir o trabalho arqueológico empreendido nos anos de 1960 e o trabalho genealógico dos anos 1970¹². Como vimos, Foucault iniciou seu curso fazendo um recenseamento de suas pesquisas e designando-as como pesquisas genealógicas múltiplas:

¹² Roberto Machado, em seu livro, *Foucault, a ciência e o saber* analisou a passagem do projeto de pesquisa apresentados nas obras dos anos de 1960, reunidas em torno de uma arqueologia do saber; para o projeto que começou a se constituir nos anos de 1970, reunido em torno de uma genealogia do poder: “Se Foucault não invalida o passado, ele agora parte de outra questão. Seu objetivo não é principalmente analisar as compatibilidades e incompatibilidades entre saberes a partir da configuração de suas positivities [vide *As palavras e as Coisas* de 1966]; o que pretende, em última análise, é explicar o aparecimento [emergência] de saberes a partir de condições de possibilidades externas aos próprios saberes, ou melhor, que, imanentes a eles – pois não se trata de considerá-los como efeito resultante-, os situam como elementos de um dispositivo de

chamemos, se quiserem, de ‘genealogia’ o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais, acoplamento que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais [...] As genealogias não são, portanto retornos positivistas a uma forma de ciência mais atenta ou mais exata, mas anti-ciências (FOUCAULT, 2002, p.13).

Nessa perspectiva, parece-me ser a primeira vez que a distinção entre arqueologia e genealogia se impõe como necessária para empreender o deslocamento realizado por Foucault do tema de uma analítica do poder para a emergência da ética como trabalho sobre si.

A genealogia seria, pois, relativamente ao projeto de uma inserção dos saberes na hierarquia do poder próprio da ciência, uma espécie de empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico. A reativação dos saberes locais -menores, talvez dissesse Deleuze - contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder, esse é o projeto dessas genealogias em desordem e picadinhas. Eu diria em duas palavras o seguinte: a arqueologia é o método próprio à análise das discursividades locais, e a genealogia, a tática que faz intervir, a partir dessas discursividades locais assim descritas, os saberes dessujeitados que daí se desprendem (FOUCAULT, 2002, p.16).

Assim, a pesquisa genealógica do poder, empreendida por Foucault de maneira eficaz nos dois livros publicados no período - *Vigiar e Punir; História da Sexualidade I: a vontade de saber* - revela a extensão do argumento apresentado acima. No entanto, a abordagem do poder nesta perspectiva é decorrente no projeto arqueológico realizado na década de 60, onde o foco era dirigido para as formações do saber.

O CUIDADO DE SI COMO PRINCÍPIO ÉTICO

Partindo da conferência “O sujeito e o poder”, proferida em outubro de 1981 no *Davidson Conference Center de Los Angeles (USA)*, pode-se encontrar algumas premissas que justificam o deslocamento da genealogia do poder para a genealogia da ética e, de igual modo, permite acompanhar que o que está em questão são os modos de sujeição. Foucault iniciou sua conferência afirmando:

natureza essencialmente política. É essa análise dos saberes, que pretende explicar sua existência e suas transformações situando-os como peças de relações de poder ou incluindo-os em um dispositivo político, que utilizando um termo nietzschiano Foucault chama ‘genealogia’” (MACHADO, 2006, p.167).

eu gostaria de dizer, antes de qualquer coisa, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. Meu trabalho lidou com três modos de objetivação que transformaram os seres humanos em sujeitos (FOUCAULT, 1995a, p. 231).

Os três modos de objetivação são os seguintes: o primeiro modo, a objetivação do sujeito do discurso, do sujeito produtivo e do sujeito como ser vivo, tal como apresentado na analítica da finitude no livro *As palavras e as coisas* de 1966; o segundo encontra-se naquilo nomeado como práticas divisórias constitutivas do sujeito dividido no seu interior e em relação aos outros, como por exemplo, o louco e o normal, o doente e o sadio, os criminosos e os “bons meninos”, tal como apresentado nos livros *História da Loucura* de 1960, *O nascimento da clínica* de 1963, e *Vigiar e Punir* de 1975; o terceiro - denominado o estado atual de suas investigações - é o modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito. É nesse ponto que se pode reconhecer os cursos proferidos no *Collège de France* do início da de 1980: “Subjetividade e Verdade” e “A hermenêutica do sujeito” e, sobretudo, os volumes II e III da *História da Sexualidade*, publicados em 1984.

Nessa direção é interessante a transcrição e a publicação da reunião de trabalho entre Foucault e dois filósofos norte-americanos da Universidade de Berkeley, Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, ocorrida em abril de 1983. Considero a publicação dessa conversa um importante material de pesquisa por duas razões: por um lado, encontram-se os argumentos de Foucault para o deslocamento realizado entre o projeto de escrita de uma história da sexualidade tal como anunciado no volume I, publicado em 1976, e o que apareceu no ano seguinte nos volumes II e III; por outro, pode-se encontrar pistas para delinear o projeto de uma genealogia da ética fundado na questão do sujeito através das técnicas de si. Quando perguntado de que maneira os dois volumes da *História da Sexualidade* se encaixavam na estrutura de seu projeto genealógico, Foucault respondeu:

três domínios da genealogia são possíveis. Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeitos de saber; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como agentes morais (FOUCAULT, 1995b, p. 262).

O projeto de uma genealogia da ética pode ser compreendido nesse terceiro domínio. Para tanto, é necessário fazer uma distinção entre os atos e o código moral. Os atos (condutas), disse Foucault, são o verdadeiro comportamento das pessoas em relação ao código (prescrições) a elas imposto: “creio que devemos fazer uma distinção entre o código que determina os atos permitidos ou proibidos e aquele que determina o valor positivo ou negativo dos diferentes comportamentos possíveis” (FOUCAULT, 1995b, p. 262). Tal distinção é fundamental para compreender o que Foucault denominou como próprio ao campo da ética: *rappor à soi* [a relação consigo]; pois isso determina a maneira pela qual o indivíduo deve se constituir a si mesmo como sujeito moral de suas próprias ações. É por isso que a relação consigo comporta quatro aspectos principais: 1. qual a parte de mim mesmo que está relacionado à conduta moral?; 2. de que maneira sou incitado a reconhecer minhas obrigações morais?; 3. de que modo posso me modificar a fim de me tornar um sujeito ético?, 4. qual é o tipo de ser que aspiro quando me comporto de acordo com a moral?

Como advertiu Foucault, aquilo chamado de moral é o comportamento efetivo das pessoas; há os códigos e há este tipo de relação consigo mesmo que compreende os quadro aspectos citados. Existem entre eles tanto relações quanto um certo tipo de independência. Decorre disso seu interesse pelo período histórico da antiguidade greco-romana: “acho que as grandes modificações que ocorreram entre a sociedade grega, a ética grega, a moralidade grega e como os cristãos se viam, não estão no código, porém no que chamo de ética, que é a relação consigo mesmo” (FOUCAULT, 1995b, p. 265)¹³.

No seminário ministrado por Foucault em 1982 no Departamento de Religião na Universidade de Vermont (Canadá) e intitulado "Tecnologias de si", encontra-se referências importantes para compreender os dois princípios que fundamentaram os discursos morais na antiguidade greco-romana. Foucault elencou quadro tipos de técnicas que podem ser compreendidas na formação histórica de discursos e dispositivos que garantiam ao animal falante construir um saber sobre si: ***tecnologias de produção*** - permitem produzir, transformar

¹³ Na conferência “Filosofia como diagnóstico do presente: Foucault, Nietzsche e a genealogia da ética”, Oswaldo Giacóia Júnior destacou a distinção entre ética e moral como aspecto fundamental no projeto da genealogia da ética: “o significado que o termo ética assume em Foucault não pode ser tomado como sinônimo de moral. Moral diz respeito ao comportamento efetivo das pessoas em relação aos códigos. Ética diz respeito ao tipo de relação que o sujeito mantém consigo mesmo; é esse o sentido do *rappor à soi*, o que determina como o indivíduo se constitui como sujeito moral de suas próprias ações” (GIACÓIA JR., 1995, p.89).

ou manipular coisas; *tecnologias de sistemas de signos* - permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significações; *tecnologias de poder* - determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos tipos de fins ou de dominação que garante um nível de objetivação do sujeito; e por fim, *tecnologias de si* que garantem aos indivíduos efetuar, por sua própria conta e com ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, seus pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim, uma transformação de si mesmo com a finalidade de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade (FOUCAULT, 1990, p.48).

Advertiu para o fato de que os quatro tipos de tecnologias não funcionam de modo separado. É possível sustentar que, em seu conjunto, a obra de Foucault contém modos específicos de articulam entre os diferentes tipos de tecnologia. Seguindo as trilhas apresentadas no seminário de Vermont, podemos identificar o projeto de escrita da genealogia da ética como a história do modo de atuação de um indivíduo sobre si mesmo. E por isso, o princípio do cuidado de si foi central na direção desse projeto.

Seu ponto de partida é a pesquisa das obras¹⁴ que tinham como propósito, servirem como instrumentos para o trabalho sobre si, designadas como técnicas para o cuidado de si. Eram obras com um caráter prático e poderiam ser designadas como manuais. Em grego, essas obras práticas eram nomeadas como *epimelesthai sauton*: o cuidado de si, a preocupação de si. O preceito *ocupar-se de si mesmo* era para os gregos um dos princípios mais importantes para a vida na *polis*, uma das regras mais cultuadas para a conduta social e também considerada uma arte da vida, ou para ser mais preciso, uma estética da existência. Foucault considerou que o preceito do *cuidado de si* não tem para nós (os contemporâneos) o sentido atribuído pelos gregos, pois, ao perguntar qual é o princípio moral mais importante na filosofia antiga, a resposta imediata é: *conheça-te a ti mesmo*. Logo, o princípio délfico [*gnothi sauton*] aparece como o eixo determinante de toda a história da filosofia ocidental, desde Sócrates até Kant. O princípio do *cuidado de si* foi submetido ao *conheça-te a ti mesmo*. A primeira e grande

¹⁴ Para delinear a genealogia da tecnologia de si, Foucault definiu dois contextos distintos para análise: a filosofia greco-latina, desde o advento da filosofia de Platão até o baixo Império Romano; e emergência da espiritualidade cristã, desde os princípios monásticos dos séculos IV e V até o final do alto Império Romano.

rotação ocorreram na história da cultura: a ética tornou-se uma teoria da moral. Desde então, constitui-se muito embaraçoso desvincular a ética da moral.

Somos los herederos de una moral social que busca las reglas de la conducta aceptable en las relaciones con los demás. Desde el siglo XVI, la crítica a la moral establecida ha sido emprendida en nombre de la importa que tiene el reconocimiento y el conocimiento del yo. Por este motivo, resulta difícil considerar el interés por uno mismo como compatible con la moralidad. El “conócete a ti mismo” ha oscurecido al “preocúpate de ti mismo”, porque nuestra moralidad insiste en que lo que se debe rechazar es el sujeto (FOUCAULT, 1990, p.54).

Foucault faz notar o quando o princípio délfico estava associado às práticas de conduta, não era um princípio abstrato referido a vida, sendo um conselho prático, uma regra que devia ser observada para consultar o oráculo. Ocorre, portanto, que se na cultura greco-latina o conhecimento de si se apresentava como consequência do cuidado de si, com a modernidade, o conhecimento de si se apresentou como o princípio fundamental. De tal modo, que para nós, o conhecimento de si é via mais importante para fundamentar toda moral. De Hobbes até Kant, de Hegel até as ciências humanas, somos conduzidos a pensar que toda ação está fundada na racionalidade dos fins e na escolha deliberada dos meios. Convém interrogar a possibilidade de articular uma ética fundada no cuidado de si por oposição à moral, fundada no conhecimento de si.¹⁵ Fazendo ressurgir o princípio do cuidado de si podemos avaliar as formas de subjetivação que estão em jogo em nossos dias atuais. É possível sustentar uma ética fundada na estética de si? Parece-me que os trabalhos finais de Foucault permitem responder que sim.

¹⁵ Ver em especial, as últimas entrevistas: “O Retorno da moral” (FOUCAULT, 2004b), publicada no *Les nouvelles littéraires*, três dias após o falecimento de Foucault; “A ética do cuidado de si como prática da liberdade” (FOUCAULT, 2004c); e, “Uma estética da existência” (FOUCAULT, 2004d).

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALLOUCH, J. **Freud, y después Lacan**. Trad. Elisa Molina. Argentina: EDELP, 1994.
- BIRMAN, J. **Entre cuidado de si e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- CHAVES, E. **Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- ERIBON, D. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- FONSECA, M. A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ, 1995.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 3. ed., 2005.
- _____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes. 2004a.
- _____. O retorno da moral. In: **Ditos & escritos V – ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. p.251-263.
- _____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos & Escritos V – ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c. p.264-287.
- _____. Uma estética da existência. In: **Ditos & escritos V – ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004d. p.288-293.
- _____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes. 2002.
- _____. O que é um autor? **Ditos & escritos III – estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p.264-298.
- _____. Sobre as maneiras de escrever a história. In: **Ditos & escritos II – arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a. p.62-77.
- _____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. **Ditos & escritos II – arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b. p.260-281.
- _____. Retornar à História. In: _____. **Ditos & escritos II – arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000c. p.282-295.

_____. Loucura, a ausência da obra. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ditos & escritos I** – problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999a. p.190-198.

_____. Lacan, o ‘Libertador’ da Psicanálise. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ditos & escritos I** – problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999b. p.298-299.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault** – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a. p.231-249.

_____. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: RABINOW, P. & DREYFUS, H. **Michel Foucault** – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b. p.253-278.

_____. **Tecnologias del yo y otros textos afines**, Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica. 1990.

_____. **Arqueologia do saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1987.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**, Rio de Janeiro: Graal. 1984a.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**, Rio de Janeiro: Graal. 1984b.

GIACÓIA JR., O. A filosofia como diagnóstico do presente: Foucault, Nietzsche e a genealogia da ética. In: MARIGUELA, M. (Org.). **Foucault e a destruição das evidências**. Piracicaba: Unimep, 1995, p.81-100.

LACAN, J. Intervenção sobre a transferência. In: _____. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.87-100.

_____. **Seminário 1968-1969: de um Outro ao outro**. Recife, 2004. (Publicação não comercial exclusiva para membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife).

MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MARCHEREY, P. Nas origens da História da Loucura: uma retificação e seus limites. In: RIBEIRO, R. J. (Org.). **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.47-71.

MARIGUELA, M. **Psicanálise e surrealismo: Lacan, o passador de Politzer**. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.

MEZAN, R. Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise. In: RIBEIRO, R. J. (Org.). **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.94-125.

RAJCHMAN, J. **Eros e verdade** – Lacan, Foucault e a questão da ética. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, S. C. **A ética de Michel Foucault**: a verdade, o sujeito, a experiência. Belém: Cejup, 2000.

VALLEJO, M. **Incidencias em el psicoanálisis de la obra de Michel Foucault**: prolegómenos a uma arqueologia posible del saber psicoanalítico. Buenos Aires: Letra Viva, 2006.

VILTARD, M. Foucault-Lacan: la lección de las meninas. In: **Litoral 28 – La opacidad sexual II**: Lacan-Foucault. Revista da École Lacanienne de Psychanalyse, Córdoba: EDELP, p.115-161, 1999.

DOSSIÊ

Cuerpo, Lenguaje y Enseñanza
Área Temática: Diferenças e Subjetividades em Educação

MÁRCIO APARECIDO MARIGUELA

Professor de História da Filosofia Contemporânea na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); Doutor em Educação pela UNICAMP; Psicanalista, Membro da Escola de Psicanálise de Campinas; Pesquisador colaborador do Grupo de Estudos e Pesquisas Diferenças e Subjetividades em Educação - DIS (FE/UNICAMP).
Email: mmariguela@gmail.com

Aceito em: 21/06/2007
Publicado em: 23/07/2007